

que se qualificam como próximos do camponês, como a igreja e partidos políticos.

Nessas novas configurações, a intimidade do mundo rural vem a público. E ao vir transforma a resistência privada em luta por direitos. Uma luta pela legitimidade de suas ações, pelo cumprimento da legislação agrária e pela modificação ou ampliação dos pontos obscuros ou comprometedores à sobrevivência do camponês como cidadão.

O poder então complexifica-se, não se restringe mais à figura do grande proprietário que passa, também, a movimentar-se em associações patronais contra a emergência do movimento camponês. A ceder novas formas de pressão, além da violência pura para poder expressar-se publicamente.

Os proprietários assim, também, se modernizam, e pelo menos em seus discursos públicos, já incorporam a inclusão dos direitos dos camponeses, de um espaço de contestação possível, no interior da legislação em vigor. Mesmo, quando lêem o caráter legal da ação camponesa com os olhos voltados para a manutenção dos velhos interesses.

O livro pergunta se é possível falar da construção de uma nova ordem política no sertão. Responde que sim, restringindo o alcance de sua resposta à modificação da imagem pública do camponês acomodado, submisso e passivo, pelo processo de constituição de uma identidade política na luta pela cidadania.

Ressalta enfim a percepção que o camponês tem dos limites de suas ações, ainda calcadas numa prática de dependência, de exclusão e arbitrio. O que leva a entender as modificações em curso, nas imagens e ações do campesinato, como um comportamento político possível que funciona como experiência acumulada no seu fazer-se político como cidadãos plenos.

Ao contrapor as mudanças introduzidas no sertão pelas expansões capitalista no campo aos códigos de dominação vigentes, o livro faz uma análise original da questão do poder a nível local. Embora tenha o sertão carceroso como objeto de análise torna-se um importante documento para a análise do processo de formação e consolidação da estrutura autoritária brasileira, e da confecção de um ser cidadão no Brasil. Cidadania invertida baseada no arbitrio e na exclusão sistemática das populações pobres urbanas e rurais do país.

- Mauro Guilherme Pinheiro Koury -
Coordenador e Professor do Mestrado
em

Ciências Sociais da UFPA.

ARLACCHI, Pino. *La Mafia Imprenditrice, la etica protestante e lo spirito del Capitalismo*. Il Mulino, Bologna, 1983.

A 23 de maio de 1992, o juiz Giovanni Falcone, desencadeador da operação "mãos limpas" no eixo Sicília-Itália e "inimigo número um da Cosa Nostra" (Padovani e Falcone, 1993) foi morto pela Máfia num dos vários atentados à sua pessoa. Com a morte, chamou mais a atenção do mundo para a sua causa do que numa vida de atuação pública e em onze anos de trabalho sistemático junto aos "arrepentidos" (*mafiosus confessus*).

Este acontecimento, junto com os desdobramentos da vasculha nas ações secretas das esferas políticas daquele país têm lembrado uma forma social que se havia desgastado e caído no âmbito dos estereótipos. Com novo vigor, a sociologia do direito, a política e os meios de comunicação se ocupam da Máfia, inclusive em novos esforços teóricos, classifica-tórios e de compreensão do fenômeno mafioso.

Concomitantemente, em vários países, a formação de quadrilhas no âmbito governamental, os pactos com as empreiteiras, o suborno, a lavagem do dinheiro ilícito, o estelionato, os crimes "de honra" e muitos outros mais são detectados, denunciados e averiguados, dando visibilidade às altas esferas do poder, aos seus segredos e às suas prerrogativas. É essa historicidade dos processos de burocratização de atividades ilícitas, do "segredo de estado" (por sua vez respaldado em imunidades parlamentares e governamentais indevidamente entendidas e utilizadas) que traz à atualidade trabalhos como o livro ora resenhado, "La Mafia Imprenditrice" (A Máfia Empresarial).

No âmbito sociológico já se vinham desenvolvendo importantes estudos sobre o comportamento mafioso (Hobsbawm, 1966; Hess, 1973; Blok, 1974), sobre um "tipo de sociedade" (Arlacchi, 1980, 1987 e 1990; Mosca, 1980; Muti, 1987; Pallida, 1987), sobre a Máfia como uma "cultura" (Lombardi-Sabiani, 1989), ou como "uma sociedade secreta" (Mackenzie, 1973; Arnan, 1973; Fava, 1990). A maior parte desses estudos se insere numa tradição weberiana, sobretudo no que diz respeito aos "tipos ideais" às teorias da ação social e às questões do poder, da burocracia e mesmo do direito, indo buscar na sociologia de Georg Simmel os termos em que analisam o

fenômeno do segredo. Tome-se aqui segredo como a tensão entre a ocultação e a revelação que perpassa os processos sociais e que vai se expressar em modos de distribuição da informação historicamente evidentes sobretudo nas sociedades secretas e nas sociedades do segredo (Simmel, 1906).

"La Mafia Imprenditrice: l'etica mafiosa e lo spirito del Capitalismo" (A Máfia Empresarial: a ética mafiosa e o espírito do capitalismo) foi lançado na Itália em 1983 (nove anni fa...) pela Società Editrice Il Mulino de Bolonha, e também recentemente se lhe outorgou nova visibilidade. É plenamente justificado que seja este livro trazido a público no Brasil quase dez anos após a sua publicação, não só pela atualidade e excelência da análise nele contida, como pelo testemunho de que as ciências sociais podem ser tanto ou mais valiosas para as questões em pauta, do que os documentos, denúncias e confissões dos grandes processos judiciais e das Comissões de Inquérito.

O autor do livro, Pino Arlacchi, é professor de Sociologia Aplicada na Faculdade de Ciências Políticas da Universidade de Florença e é calabrês de naturalidade. Autor de três outros livros (op. cit.) e de vários artigos sobre a Máfia, a cultura, o subdesenvolvimento da Calábria e da Sicília e sobre a modernização do Sul da Itália, Arlacchi traz um novo e importante contributo para a sistematização da análise desta temática.

A diferença de outros trabalhos publicados recentemente como "A Máfia de Salvatore Giuliano a Dalla Chiesa" de Giuseppe Fava (1990), "Máfia S.A." de Max Gallo (1973) e o próprio "Cosa Nostra: o juiz e os homens de honra" de Marcelle Padovani e Giovanni Falcone (1993), o livro aqui resenhado não vê a organização mafiosa pelo viés das sociedades secretas. Ao referir-se à Máfia tradicional corsa, siciliana e sarda, Arlacchi se apoia mais sobre a *omertà* em termos de honra, enquanto exercício da violência e manipulação de poder e de recursos. Não há referências, como se poderia esperar, à estrutura de sociedade secreta que é uma das fisionomias mais conhecidas e tradicionais da Máfia.

Não se pode dizer no entanto, que não se tenha falado do segredo, se não como um conteúdo ou um conjunto de fórmulas, certamente como um processo político e como formas específicas e "empresariais" de fazer pactos e obter riqueza. A esse processo Arlacchi chama de "cultura política da máfia das empresas" (p. 206), "uma combinação de

tradicionalismo e espírito empresarial" (p. 112). Esse espírito empresarial mafioso leva ao monopólio dos setores das obras públicas e dos transportes, tornando oportuno o estudo desse "novo" objeto que se veio constituir a partir da junção do comportamento mafioso tradicional, com esse espírito empresarial.

Weberiano desde o título e a epígrafe, o livro se propõe a construir a uma nova luz um esquema interpretativo da máfia contemporânea. A primeira parte (que se intitula "Máfia e Mafiosos na Sociedade Tradicional") está dedicada a um inventário de noções e características significativas do fenômeno mafioso tradicional na Sicília e na Calábria, num arco de tempo que vai da unidade italiana até os anos que se seguiram à Segunda Guerra Mundial. Como diz o próprio autor, "o quadro da situação tradicional foi elaborado segundo uma metodologia típico-ideal dentro dos preceitos weberianos clássicos" (p. 10). Essa exposição da estrutura da Máfia, a "n'drangheta" tradicional se compõe de duas seqüências que correspondem a dois aspectos diferentes de que se constitui a organização mafiosa.

Na primeira seqüência está descrita a dinâmica do fato social mais relevante para a compreensão das relações entre a Máfia e o ambiente socio-econômico envolvente: o comportamento mafioso e o seu estreito liame com o fenômeno da competição pela honra. Como matriz da fenomenologia mafiosa clássica este momento da análise se dá em termos de uma "sociedade de transição permanente" e de uma "assimetria endêmica" entre a estrutura mercantil-capitalista e o tradicionalismo da estrutura sócio-cultural do Mezzogiorno. Na segunda seqüência desta parte do livro, se evidenciam outros componentes do fenômeno quais sejam o poder mafioso, a mediação como atividade específica e ôntica dos "homens de respeito" e o monopólio territorial da violência, da intimidação e do suborno. Nesta parte do livro, Arlacchi apresenta a sua concepção sociológica do tipo mafioso tradicional, um "tipo ideal" (p. 68) e explicita a fundamentalidade da honra para a ação mafiosa, equacionando-a no entanto à aquisição de riqueza, numa "conversão imperfeita (...) que influencia notavelmente a fisionomia e as proporções do poder mafioso".

A segunda parte do livro ("A Crise da Máfia durante a Grande Transformação Pós-Bélica") traz a descrição dos efeitos da guerra sobre a sociedade italiana e sobre o

comportamento mafioso tradicional, impacto este que se traduziria numa redução da autoridade mafiosa. "O papel do homem de honra passa a se aproximar perigosamente ao do delinquentes vulgar", diz Arlacchi. A esta altura, a superposição das noções de honra e de riqueza se evidencia como uma das características da passagem para outra e dos processos de mudança geral nos ambientes mafiosos da Itália, da Sicília e da Calábria.

Na terceira parte do livro ("A Máfia Empresarial"), Arlacchi expõe a máfia e o mafioso dos dias de hoje, cuja fisionomia parece ser o produto de três processos ocorridos nos últimos vinte anos: a) o surgimento da máfia empresarial; b) a continuidade da preeminência do conceito de família desta vez no sistema de tráfico de drogas, de armas e nos setores ilegais da economia; c) o desenvolvimento de uma ampla autonomia política do poder mafioso.

Além de trazer um importante contributo analítico à História, à Ciência Política e à Sociologia no que tange ao comportamento mafioso, Pino Arlacchi não se furta de explicitar os caminhos metodológicos por ele percorridos em busca da compreensão de "um objeto como a Máfia, que se diferencia de outros, mais pacíficos e melhor observáveis". Essa afirmação se faz acompanhar de comentários sobre a pesquisa, lembrando que "os membros dos grupos mafiosos não têm facilidade em falar das duas atividades e quando o fazem é com o objetivo de justificação ou de defesa que influem pesadamente sobre a quantidade e sobretudo sobre a qualidade das informações".

Relatos assim nos lembram que, a depender da ontologia das formas sociais estudadas pela sociologia e pela antropologia, variam em quantidade e em qualidade os níveis de visibilidade que estas permitirão ao pesquisador. Outra coisa não faz Pino Arlacchi no seu livro senão trazer nova luz tanto a uma sociedade hoje criminal e tão disseminada nos seus comportamentos, quanto às problemáticas teóricas e metodológicas inerentes ao estudo dessas formas sociais.

A relevância acadêmica dos livros de Pino Arlacchi se reconfirma e cresce com este estudo sobre a passagem da Máfia de uma organização pastoril regida pela omertà, a lei do silêncio e da honra para o segredo de uma organização criminal empresarial e capitalista em que esse senso de honra se vê substituído

pelo crisol, princípio que hoje rege a ação mafiosa, implicando na habilidade em movimentar-se e de atuar sigilosamente no mundo da aquisição e da acumulação ilícitas de riqueza.

REFERÊNCIAS

- ARLACCHI, Pino. "Mafia, Contadini e Latifondo nella Calabria Tradizionale", Il Mulino, Bologna, 1980.
- _____. "La Palude e la Città", Montadori, 1987.
- _____. "Imprenditorialità Illicita e Droga", Il Mulino, Bologna, 1990.
- _____. "La Mafia Imprenditrice, la etica protestante e lo spirito del Capitalismo", Il Mulino, Bologna, 1983.
- BLOK, Anton. "The Mafia of a Sicilian Village", Harper and Row, 1974.
- FAVA, Giuseppe. "A Máfia de Salvatore Giuliano a Dalla Chiesa", Coleção Impacto, Edições 70, Lisboa, 1990.
- GALLO, Max. "Mafia, S.A.". Cedibra, Rio de Janeiro, 1973.
- HESS, H. "Mafia", Editorial Laterza, Bari, 1973.
- HOBSBAWN, Eric J. "I Ribelli: forme primitive di Rivolta Sociale", Ed. Einaudi, Torino, 1966.
- LOMBARDI SATRIANI, L. M. "Il Silenzio, la Memoria e lo Sguardo", Sellerio Editore, Palermo, 1989.
- MOSCA, G. "Uomini e Cose di Sicilia", Sellerio, Palermo, 1980.
- MUTTI, Antonio. "La Fiducia", Rassegna Italiana di Sociologia, vol. XXVIII, nº 2, 1987.
- PADOVANI, M. e G. FALCONE. "Cosa Nostra, o juiz e os homens de Honra", Bertrand, Rio de Janeiro, 1993.
- PALLIDA, Salvatore. "Le Phenomène Mafioso", Les Temps Modernes, nº 487, 1987.
- SIMMEL, Georg. "The Sociology of Secret and of Secret Societies", The American Journal of Sociology, vol. IX, nº 4, 1906.
- WOLFF, K. H. "The Sociology of Georg Simmel" (org.), New York Free Press, 1950.

- Simone Carneiro Maldonado -
Professora do Mestrado em Ciências
Sociais da UFPb.

* * *